

FORRANDO A HISTÓRIA DA BÍBLIA

"O sábio homem tinha uma máquina de fazer sorvetes em sua casa sobre a rocha," declarou o contador de histórias, "e um congelador com todos os tipos de sorvete que você pode imaginar. Ele dava grandes festas, e ..." As crianças davam risadas felizes, mas eu me encolhia. Sim, eu adicionava um pouco aqui e ali quando contava histórias da Bíblia. Mas que dizer destas adições exageradas? Seriam as crianças capazes de separar a verdade da falsidade? Continuariam elas entusiastas quando lessem a história na Bíblia sem as máquinas de fazer sorvetes? Quais eram as idéias da natureza da Bíblia que estavam sendo comunicadas através desta história? E será que tão vastas adições seriam realmente consistentes com a minha visão da Bíblia como a verdadeira palavra de Deus? Sempre reconheci a necessidade de adicionar algo aos textos propriamente. Denomino essa atividade de forração. Muitas histórias da Bíblia são extremamente comprimidas. São um resumo numa cápsula, e muitos detalhes são deixados de lado. Sem nenhuma forração não haveria história, apenas um esqueleto. A forração auxilia a compreensão e desenvolve o interesse. É muito mais interessante ouvir a uma conversação estimulante do que a uma idéia geral sobre uma conversação apresentada indiretamente entre aspas. " 'Estou ficando com muita raiva,' gritou Sherri" é muito mais interessante do que "Sherri disse que estava ficando com raiva."

Há diversos tipos de forrações, que servem a diferentes usos e propósitos. Um dos mais úteis é o fundo histórico-cultural. Se estou contando a respeito de Jonas a caminho de Nínive, menciono que Nínive era a capital do poderoso império assírio. Uma descrição gráfica de Ur auxiliará a compreensão dos estudantes sobre a decisão de Abrão ao defrontar-se com Deus, que lhe pede que deixe a cidade. O conhecimento de que povos da antiguidade deixaram documentos sobre uma grande inundação auxilia a compreensão dos alunos a respeito da universalidade de um evento tão devastador.

Outra ferramenta valiosa é o que comumente é chamado de "ler por entre as linhas." Ao estudar a narrativa Bíblica me pergunto como será que deve ter sido? Como deve ter sido para Paulo, que nas horas da manhã havia construído tendas no Éfeso e que havia passado horas de calor à tarde dando aulas no salão de Tirano? Quando descrevo Paulo em seu trabalho, uso meu conhecimento dos costumes e da cultura daquele tempo, mas basicamente fico imaginando como deve ter sido: as ruas quentes e empoeiradas, o modo cansado de Paulo ao caminhar em direção ao salão. A tentação que dever ter sentido de desistir e ao invés disso tirar uma soneca.

Outra forma útil de forração eu chamo de "sentir o personagem Bíblico." Quando faço isso, me ponho em seu lugar. Vejo a promessa de Deus a Abrão, de que ele teria mais descendentes, através dos olhos de Abrão, muito mais do que através do que sabemos a respeito disso mais de mil anos mais tarde. O que teria sentido? Como teria esta informação lhe passado pela mente? Quanto disso poderia ele realmente haver compreendido?

Outra forma de forração é adicionar conversação e ação lateral. Sobre o que falavam Adão e Eva no jardim de Éden? Como teriam Maria e José discutido o nascimento de Jesus que estava se aproximando? Adicionar um pouco de conversação aqui e ali aumenta bastante o atrativo dramático da Escritura.

Um quinto método de forração é interpretação. Jesus à idade de 12 anos se encontrava no templo e disse, "Você sabia que eu deveria estar na casa de meu pai?" Num livro de histórias, estas palavras são seguidas de "Com isso ele quis dizer que..." Sempre que explicamos o significado de algo, estamos forrando com interpretação. Podemos também forrar uma história ao substituir ou adicionar situações paralelas ou modernas: A capa longa de José provocou ciúmes em seu irmão, como se uma irmã ganhasse uma capa de camurça nova enquanto a outra irmã tivesse que vestir sua capa velha.

Apesar de serem necessárias, úteis e boas, forrações correm alguns riscos. Há o perigo de se tornar a forração tão realista que os alunos têm dificuldade em distingui-las dos fatos reais. Também há o risco de estarmos tomando os textos da Bíblia com leveza, apenas usando-a como pista de decolagem para histórias mais sofisticadas. Ao estudar aos que creio saberem usar forrações com bom efeito, notei que dão importância maior à verdade e à probabilidade, excluindo vãos elaborados que não sejam baseados em fatos ou probabilidade. Com frequência usam um fundo histórico-cultural. Muitas vezes adicionam coisas que poderiam haver ocorrido, mas sempre em compatibilidade com o texto propriamente. Também sempre distinguem claramente entre o que é parte da Bíblia e o que é forração. "Eu gostaria de imaginar que isto ocorreu da seguinte maneira..." meu pastor um dia iniciou seu sermão sobre a visita de Paulo às igrejas que havia fundado. "Talvez José houvesse dito...", "Maria pode haver sentido ...," todas estas formas definem a diferença entre fato e suposição.

Quando se usa o fundo histórico-cultural, o melhor é identificar a fonte de informação. "Como é que sabe tanto a respeito do Éfeso?" um aluno poderia perguntar. "Muitos historiadores dizem...", "A história nos demonstra que...", ou simplesmente "Li esta semana que..." são frases que há uma fonte concreta de informação.

Finalmente, os melhores contadores de histórias Bíblicas usam forrações como ferramenta; nunca dependem da forração para gerar excitação a respeito da Palavra. É um auxílio para a compreensão da Palavra, mas são as Escrituras que estão sendo comunicadas como desafiadoras, relevantes e excitantes.